

Discos em bancas: da indústria cultural à guerrilha cultural¹

Irineu Guerrini Jr.²

Faculdade Cásper Líbero – São Paulo

Resumo

Este trabalho procura demonstrar a importância das gravações fonográficas vendidas em bancas de jornais. Inicia discorrendo sobre a introdução dos fascículos pela Editora Abril que, após o êxito de algumas coleções, lança, em 1968, a primeira acompanhada de discos: *Grandes Compositores da Música Universal*, versão brasileira de um original italiano e, em 1970, *História da Música Popular Brasileira*, totalmente produzida no Brasil. Passa pelo Disco de Bolso, iniciativa de produção e distribuição independente de Sérgio Ricardo, comenta coleções de MPB, de jazz e de música clássica dos anos oitenta e noventa e dos primeiros anos deste século, analisa os CDs mais recentes que acompanham a revista *Caras* e termina falando da experiência de *outracoisa*, revista também acompanhada de CD lançada pelo intérprete e compositor Lobão.

Palavras-chave

Discos - Fascículos - Brasil

¹ Trabalho apresentado ao NP de Rádio e Mídia Sonora, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutor pela USP. Professor de graduação e pós-graduação da Fac. Cásper Líbero e da FAAP/SP. Funções já exercidas: produtor/diretor/narrador de programas da TV Cultura de SP; diretor das emissoras Cultura AM e FM de São Paulo; produtor/diretor/apresentador de programas de rádio da BBC Brasil em Londres; apresentador da TV Bandeirantes, avaliador e negociador de programas para a TV Cultura; diretor de programação e aquisições da TV Escola, do MEC; idealizador e co-organizador do currículo do curso de Tecnologia Musical, a ser implantado na USP Leste.

Introdução

A expressão é usada até os dias de hoje: “banca de jornais”. Mas numa banca de jornais é comum encontrarmos, além de jornais e revistas, uma oferta dos mais variados produtos: livros, CDs, DVDs, objetos colecionáveis - como canetas e relógios - cigarros, balas, brinquedos... Até meados dos anos sessenta, entretanto, uma banca de jornais vendia somente jornais e revistas. Quando muito, um ou outro álbum de figurinhas. Essa situação começou a alterar-se em maio de 1965, quando a Editora Abril, sediada em São Paulo, lançou a sua primeira coleção de fascículos: *A Bíblia mais bela do mundo*, versão brasileira de uma obra também vendida em fascículos, lançada na Itália pela Fratelli Fabbri Editori. Victor Civita, o proprietário da Abril, conhecia de perto o sucesso dos fascículos na Itália, e resolveu lançar essa versão fartamente ilustrada da Bíblia mesmo contra as recomendações da sua equipe. Mas a voz do patrão falou mais alto, como lembra Pedro Paulo Poppovic, na época conduzido ao cargo de Diretor da Divisão de Fascículos:

*Ele veio de uma viagem, reuniu a diretoria e disse: “vi uma coisa formidável, são os fascículos, o sujeito paga em prestações na medida em que ele recebe pedaços de uma obra”. A diretoria foi contra, inclusive eu. Dizíamos: “no Brasil, as pessoas estão acostumadas a primeiro receber o produto e depois pagar em prestações, e por que a Bíblia, que é distribuída de graça, como nos hotéis?” E ele: “as pessoas vão comprar, sim, porque é a Bíblia mais bela do mundo, com milhares de ilustrações. E, além disso, como eu tenho 51% das ações desta empresa, nós vamos fazer”.*³

Como em outras ocasiões, o tempo provou que Victor Civita estava certo, pois o êxito de *A Bíblia mais bela do mundo* foi tamanho que estimulou o lançamento de outras coleções de fascículos, até hoje na memória e nas estantes de muitos brasileiros: a enciclopédia *Conhecer* (1966) a coleção *Gênios da Pintura* (1967) e, em 1968, *Grandes Compositores da Música Universal*. De culinária (*Bom Apetite*, que vendeu um milhão e duzentos mil exemplares na primeira semana) a filosofia (*Os Pensadores*, coleção que foi concebida e só existe no Brasil, tendo tornado a Abril a maior editora de livros de filosofia do mundo!), os fascículos, nos primeiros anos, sustentavam a então deficitária *Veja*.⁴ Em nenhum outro país tiveram a importância que conseguiram obter no Brasil. Parte da classe

³ Entrevista concedida por Pedro Paulo Poppovic a mim no dia 8 de fevereiro de 2007.

⁴ Para muitos fascículos, a Abril chegou a contratar o trabalho de intelectuais, muitos deles da USP, que estavam sendo perseguidos pela ditadura militar.

média brasileira estava beneficiando-se com a política econômica do regime militar, e as coleções, devidamente encadernadas, eram um símbolo de *status* para essa parcela da população que havia melhorado de vida.

1. Discos em bancas, pela primeira vez

Assim como *A Bíblia mais bela do mundo*, *Conhecer* e *Gênios da Pintura*, a coleção *Grandes Compositores da Música Universal* era uma versão de um original italiano, da mesma Fratelli Fabbri. Consistia de 48 fascículos com uma biografia ilustrada de um compositor e uma análise das obras gravadas, acompanhados de LPs de dez polegadas, monofônicos. Com o primeiro vinha um encarte: *A arte da música: a linguagem musical - sua história – uma orquestra sinfônica – os instrumentos*. Segundo Poppovic, embora os originais tivessem sido comprados da editora italiana, as negociações dos direitos sobre as gravações tinham que ser feitas diretamente pela Abril com editoras de partituras, intérpretes e herdeiros de compositores, o que dava muito trabalho, especialmente os herdeiros, “que tinham mais apetite”. E havia uma barreira legal a ser vencida, o que só foi conseguido pela importância política e econômica da editora e após um ano de negociações com o governo federal:

*A legislação não previa essa possibilidade, porque discos, ao contrário de revistas, não eram isentos do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias, o ICM. Exigência de Victor Civita: "Eu quero um advogado com pêlo no peito! Eu lhe digo o que quero fazer, ele me diz como". Solução: os advogados convenceram o ministro da Fazenda, Delfim Neto, a conversar com todos os secretários estaduais da Educação, e o Governo Federal passou a recolher o ICM na fonte (as bancas), redistribuindo-o para os Estados. O primeiro exemplar da coleção, o Concerto N.º. 1 para Piano e Orquestra, de Tchaikovsky, vendeu 270 mil exemplares.*⁵

A RCA, encarregada da prensagem, inicialmente relutou em fabricar um número tão grande de discos: duzentos e setenta mil exemplares representam uma cifra extraordinariamente alta para um disco de música clássica mesmo hoje, quando o país conta com o dobro da população que tinha no final dos anos sessenta. Mas o eficiente esquema de divulgação e distribuição, com comerciais no rádio e na TV e fascículos presentes em todas as bancas, funcionou: a coleção era vendida inclusive em muitas cidades que não

⁵ www.abril.com.br/institucional/50anos/fasciculos.html. Último acesso em 28.05.07

dispunham de *nenhuma* loja de discos. Pedro Paulo conta que sua empregada, na época, gostava de música clássica, mas não tinha coragem de entrar numa loja e pedir um disco, pois não sabia pronunciar o nome dos compositores. Na banca, além de o preço ser muito mais em conta, era só pegar e pagar...⁶

Os fascículos, de música ou não, deram tão certo que, após os primeiros anos, a Abril resolver criá-los em casa, aproveitando a experiência adquirida com o lançamento de versões de originais italianos, e assim nasceu a coleção *História da Música Popular Brasileira*, também com 48 volumes, lançada em 1970, proposta por Pedro Paulo Poppovic. Para a sua realização, montou-se um esquema que funcionava assim: três assessores selecionavam consultores, tidos como especialistas em determinados aspectos da música popular brasileira, que indicavam a pauta do fascículo e as músicas a serem incluídas. Em seguida, vinha a fase de negociação de direitos. Segundo Pedro Paulo, no início os detentores dos direitos comportavam-se como quem estivesse fazendo um favor à editora; mas quando perceberam o tamanho das tiragens, começaram a fazer fila para oferecer as gravações. Negociados os direitos, o consultor indicava um pesquisador, com base na pauta já elaborada. O resultado da pesquisa voltava para o consultor, para aprovação do conteúdo. Em seguida, à para um redator dar a forma final. O trabalho do redator era checado pelo consultor, e depois ia para o diretor da Divisão de Fascículos. Em seguida, era encaminhado para o Departamento de Arte, para pesquisa iconográfica e elaboração das artes, a cargo de Elifas Andreato, que se notabilizaria pelo seu trabalho com capas de LPs. O resultado, antes de ir para a gráfica, passava novamente pelo diretor.

O primeiro fascículo foi dedicado a Noel Rosa e vinha acompanhado de uma síntese ilustrada da história da música popular do Brasil: *O som brasileiro: do lundu à tropicália*, e de um encarte explicativo: *História da Música Popular Brasileira. Uma coleção que vai mudar o seu ritmo de vida*.

Muitas gravações que fazem parte dessa coleção estavam inacessíveis ao grande público e outras foram feitas especialmente para os fascículos. Houve até a transcrição de cilindros de cera⁷. Logo no primeiro volume, dedicado a Noel Rosa, são incluídos registros dos anos trinta, como a de *Palpite Infeliz*, com Aracy de Almeida, de 1936, mas também

⁶ Entrevista com Pedro Paulo Poppovic concedida a mim no dia 8 de fevereiro de 2007.

⁷ Nos aparelhos que seguiam o modelo do fonógrafo de Edison, as gravações eram registradas em cilindros recobertos de cera.

duas versões de outros clássicos de Noel – *Conversa de Botequim* e *Com que Roupa*, feitas especialmente por Martinho da Vila para a coleção. O segundo fascículo, dedicado a Pixinguinha, recupera uma gravação mecânica do chorinho *Urubu* feita pelos Oito Batutas em Buenos Aires. O terceiro, com músicas de Dorival Caymmi, traz o registro original de *O que é que a baiana tem?* com Caymmi e Carmen Miranda, de 1939. O sexto volume, com obras de Lamartine Babo, inclui uma gravação de *O teu cabelo não nega* de 1931, “um milagre técnico de recuperação”, como diz a publicação fascículo (lembre-se que não havia processos digitais naquela época).

Assis Valente assina as músicas do fascículo número treze, e uma delas também foi gravada em Buenos Aires, em 1935, durante uma temporada do Bando da Lua naquela cidade. Já o de número dezesseis reúne músicas de Antônio Carlos Jobim, incluindo dois registros até então inéditos: *Dindi*, com Sílvia Telles, uma versão feita na Alemanha para a M.P.S. – Musik Produktion Schwarzwald, em 1966, que seria a sua última gravação, e *A felicidade*, com Agostinho do Santos e apenas o piano de Jobim, considerada demasiadamente moderna na sua época (1959) para ser lançada no mercado.

O fascículo de Sérgio Ricardo (nº 37) traz um trecho da trilha sonora de *Deus e o diabo na terra do sol*, que havia sido lançada pela gravadora Forma em 1964. A estréia de Orlando Silva no disco está incluída no volume Catulo de Paixão/Cândido das Neves: *Última estrofe*, de 1935. No fascículo nº 40, dedicado a Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, *Apanhei-te cavaquinho* aparece numa gravação com o próprio autor ao piano, de 1930, e *Falena*, de Chiquinha Gonzaga, num registro mecânico recuperado, com o próprio grupo da compositora. No volume nº 43, com músicas de Johnny Alf, está incluída a primeira gravação de *Rapaz de bem*, de 1955, música precursora da Bossa Nova, interpretada pelo próprio autor.

Capiba e Nelson Ferreira são os nomes do fascículo nº. 44, e nele incluem-se várias gravações especiais, feitas pelos Titulares do Ritmo e por coro e orquestra executando arranjos de Cyro Pereira. O volume seguinte - Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini - traz registros que só figuravam num álbum distribuído como brinde por uma empresa de financiamento. O último volume, de número 48, volta ao início da música popular brasileira gravada, com Donga e os primitivos. Nele, está incluído o primeiro samba

gravado: *Pelo telefone*, de 1917, além de registros com Radamés Gnattali, Altamiro Carrilho e outros nomes importantes da música popular brasileira.

Além da recuperação de gravações raras e daquelas feitas especialmente para a coleção, é de se notar a qualidade do texto e das capas, bem como a estatura e heterogeneidade de alguns colaboradores. Eram assessores: José Lino Grünwald, José Ramos Tinhorão e Tarik de Souza. O colégio de consultores era formado por nomes que iam de Aracy de Almeida a Augusto de Campos. Esse último assina um texto no fascículo nº 30, dedicado a Gilberto Gil, e no mesmo volume, trava um diálogo com Rogério Duprat.

O fascículo nº 24, com músicas de Vinícius de Moraes, traz um texto sobre a trajetória literária do poeta assinado por Antônio Cândido, um dos nomes mais venerados da Universidade de São Paulo. E tanto o volume de Gil como o de Caetano (nº 22) apenas mencionam que eles estão em Londres, sem entrar em maiores detalhes. Era o auge da repressão da ditadura militar, e não poderia haver uma explicação do seu exílio. Também não podia ser dito com todas as letras o que levou Geraldo Vandré a sair do país, (fascículo nº 34) depois da sua apresentação da *Pra não dizer que não falei de flores* no Festival Internacional da Canção, promovido pela Globo, em 1968. Mas o texto fala das suas andanças, difíceis, pelo Chile e pela Europa. E da sua partida: *A fita deixada num gravador cantava a nova despedida. O recomeço, o fim e o princípio: “Vou-me embora. / Não chore não, amor, eu volto...”*⁸

Esses discos foram importantes não somente para os colecionadores particulares: nas emissoras de rádio e televisão era muito comum recorrer “àqueles discos da Abril” quando se precisava de uma música de Pixinguinha ou Ary Barroso que de outra maneira não seria encontrável.

Em 1971, a Abril volta a lançar uma versão de original italiano: *As Grandes Óperas*. Os fascículos também eram acompanhados de um LP, este já de 12 polegadas e em estéreo. O primeiro trazia os principais trechos de *Aida*, de Verdi, e com ele vinha um encarte contendo uma *Pequena História da Ópera* e incluindo uma síntese da história da ópera no Brasil, com uma lista das óperas brasileiras levadas à cena de 1860 a 1952. Também marcando a versão brasileira, havia a versão para o português dos trechos do libreto correspondentes às gravações.

⁸ **História da Música Popular Brasileira** Fascículo nº 34, p. 9

Em 1972, é lançada a coleção *Povos e Países*, composta de fascículos com informações históricas e geográficas sobre variados países e um compacto duplo (disco de vinil, com sete polegadas de diâmetro e duas músicas de cada lado) com músicas autênticas dos países focalizados. O número *Mundo Árabe*, por exemplo, traz um disco com *Danças dos homens dos Oásis por ocasião das núpcias* e *Danças tradicionais dos beduínos*, com o conjunto de música popular de Hamadi Laghbabi, e no outro lado, *Yaboulid Essifa*, com Cherif Khaeddam.

Entre 1979 e 1984 são lançadas as coleções *Mestres da Música* e *Música pelos Mestres*, com ilustrações que vinham da Itália, textos ao menos parcialmente escritos por brasileiros (Luís Antônio Giron e J. Jota de Moraes) e que já incluíam obras de autores do século XX, como *Petruchka*, de Stravinsky, ou *Alexander Nevsky*, de Prokofiev. Alguns dos intérpretes estavam entre os mais prestigiados da época, como o pianista Lazar Berman, que executa obras de Liszt, e o conjunto de câmara I Musici, que interpreta Vivaldi. Os fascículos incluíam uma cronologia do compositor focalizado, uma análise da sua produção dentro de um determinado gênero ou forma correspondente às obras registradas no disco, um guia do ouvinte, com uma análise das obras apresentadas e informações sobre os intérpretes. Em nenhuma das coleções de música clássica foi possível incluir um autor como Villa-Lobos por causa das dificuldades com a editora Max Eschig, sediada em Paris, que detinha os direitos de muitas obras desse compositor.

Em 1980/1981, mais uma versão de original italiano: *Gigantes do Jazz*, com volumes dedicados a Duke Ellington, Theloneous Monk, Art Tatum e outros “gigantes”. Além de uma biografia do intérprete e/ou compositor, os volumes incluíam um *Guia do Disco* e uma transcrição para partitura da melodia de uma das faixas.

Em 1982/1984, é lançada uma nova versão da *História da Música Popular Brasileira*, desta vez com o subtítulo *Grandes Compositores*. Como a primeira, contava com colaboradores tão diversos como J. Jota de Moraes, José Ramos Tinhorão, Maurício Kubrusly, Sérgio Cabral e Tarik de Souza. E acrescentava alguns compositores que não estavam presentes na primeira edição: Alceu Valença, Fagner, Bide, Marçal e Paulo da Portela, entre outros. E ainda, fascículos dedicados a gêneros e intérpretes. Um deles é o volume *Música Sertaneja*, que inclui alguns clássicos do gênero, como *Beijinho doce*, com

as Irmãs Castro; *O menino da porteira*, com Tião Carreiro e Pardino; *Moda da Pinga*, com Inezita Barroso; e *Tristeza do Jeca*, com Tonico e Tinoco.

2. O Disco de Bolso

Se as coleções de fascículos da Abril representam o poder de uma das maiores editoras do país e foram realizadas num esquema altamente industrial, encontra-se no outro extremo uma iniciativa do cantor, compositor e sempre rebelde Sérgio Ricardo, do ano de 1972: o Disco de Bolso. A proposta, que tinha a parceria do semanário *O Pasquim*, era, com recursos mínimos, romper as barreiras comerciais impostas por gravadoras, emissoras de rádio e TV, produzindo discos independentes, com gravações inéditas, para serem vendidos em bancas de jornais. O primeiro deles, um “compacto simples” (disco de vinil com sete polegadas de diâmetro e uma música de cada lado) tinha o título *O tom de Antônio Carlos Jobim e o tal de João Bosco*. A idéia era sempre reunir uma música desconhecida de um compositor consagrado e uma composição também desconhecida de um autor promissor. Esse primeiro disco apresenta nada menos que a primeira gravação mundial de *Águas de março*, cantada pelo próprio Jobim, e a primeira gravação de uma composição – *Agnus Sei* – da então desconhecida dupla João Bosco (então com vinte e quatro anos) e Aldir Blanc. O disco vinha juntamente com de uma pequena revista, ao estilo do *Pasquim*, que trazia na sua primeira página um artigo do próprio Sérgio Ricardo: *Qual é a do Disco de Bolso*, em que ele afirma que o Disco de Bolso entrava na briga pra romper um círculo vicioso:

Do modo que as coisas andam, o autor (novo ou velho) quer gravar e procura a gravadora. Como ela tem que investir no disco, faz uma pesquisa de mercado. Aí o lojista diz que não vai ficar com o disco na prateleira porque não há procura daquele artista. A procura diz que não procura o artista porque não sabe nem que ele existe, não ouve nada dele no rádio nem na televisão. O rádio diz que não toca porque: primeiro, tem pouco tempo de música brasileira no ar; segundo, porque o artista é mascarado e não vem pedir pra tocar; terceiro, que esse cara não dá ibope e (quarto) não tá na onda jovem, parará-pororó; quinto, por umas e outras fofocas; sexto, porque não vou com a cara dele. A televisão diz que (sétimo) é porque não tem muito programa musical e (oitavo) que não vai ficar na geladeira por causa daquele problema com a censura. O círculo se fecha quando a gravadora responde ao artista que (nove) por hora não tá dando pé.⁹

A gravação de *Águas de março* contou com um arranjo do próprio Tom Jobim e com conjunto de cinco flautas (uma delas tocada por Paulo Jobim, filho do compositor),

⁹ *Disco de Bolso: o tom de Antônio Carlos Jobim e o tal de João Bosco*, p. 1

percussão, contrabaixo e violão, além do vocal de Jobim. Na revista, é reproduzida uma partitura simplificada para piano da composição. *Agnus sei* foi gravada apenas com a voz e o violão de João Bosco – padrão que o cantor/compositor ria adotar em muitos dos seus shows e gravações – e também traz uma partitura, com a melodia e cifras. A revista também inclui desenhos de Jaguar, entrevistas e biografias dos compositores, além de um artigo de Sérgio Cabral marcando os trinta e cinco anos da morte de Noel Rosa.

Também lançado em 1972, o segundo número do Disco de Bolso traz o novato Fagner cantando *Mucuripe*, uma composição sua e de Belchior. No outro lado, Caetano Veloso interpreta *A volta da Asa Branca*, homenageando Luiz Gonzaga e Zé Dantas.

Esse número foi também o último: inexperiência dos administradores, pouca divulgação fora do Rio de Janeiro e uma crise no Pasquim fizeram com que mesmo duas gravações já prontas para o terceiro número – com Geraldo Vandré e Elomar - nunca fossem para as bancas. Conta Sérgio Ricardo:

Havia já uma fila de novos e conhecidos, alguns deles já gravados pelo DB [Disco de Bolso], quando o Pasquim pediu um tempo, devido a uma crise interna que quase o levou à falência. Interrompeu-se o projeto, para nunca mais ser retomado. Era uma idéia boa demais para permanecer no marasmo daquela mediocridade vigente. Lamentei sua interrupção, praticamente superável, porque teria sido mais uma arma de resistência contra a perda da memória de nossa música.¹⁰

3. Outras coleções aparecem

Nos anos oitenta e noventa outras coleções passam a freqüentar as bancas de jornais, concentradas em jazz e música clássica, e sendo todas elas idealizadas no exterior. De início, abandonam o formato LP e passam a usar fitas cassete, pois os “compact discs” (CDs) ainda não tinham grande disseminação no Brasil: eram bem mais caros que um LP e os aparelhos reprodutores, também pelo seu custo, só podiam ser adquiridos por um público muito restrito. Com a popularização do CD, especialmente a partir dos anos noventa, as coleções começam a aparecer nesse tipo de mídia. Mas, numa fase de globalização, nota-se que, em muitos casos, não são versões brasileiras de produções estrangeiras, muito menos produções nacionais : os textos são da Espanha e de Portugal, o material impresso já vem pronto de fora e, em algumas dessas coleções, também os CDs.

¹⁰ Sérgio Ricardo. **Quem quebrou meu violão**, p. 231.

Uma série lançada em 1996 foi *The Jazz Masters: 100 anos de Swing – Folio Collection*. Essa coleção foi publicada por Ediciones Folio, com sede em Barcelona. Criada em 1980, trabalhava apenas com livros, até que em 1992 lançou-se no mercado de vendas em bancas de jornal com a publicação de livros e fascículos acompanhados de CDs, CD-Roms ou DVDs.¹¹ Nos anos noventa, a editora expandiu suas vendas para a América Latina, e é com essa iniciativa que a coleção *The Jazz Masters* aparece no Brasil, em 1996. Os fascículos em português foram impressos em Barcelona, e os CDs, como não contêm nenhuma palavra em português, nem mesmo aqueles avisos que proíbem a sua transmissão, duplicação, etc., (aparecem em inglês) provavelmente também foram fabricados no exterior.

Também em 1996 chegava ao Brasil outra coleção dedicada ao jazz, publicada por Ediciones del Prado, de Madri, que tinha como título simplesmente a palavra “Jazz”. A editora foi fundada em 1988 e sempre se especializou em fascículos vendidos em bancas de jornais.¹² A coleção era uma versão espanhola de original italiano: nos CDs, consta a informação: “Licencia SAAR, Milano, 1994” e os dizeres parecem em espanhol, o que faz supor que também foram feitos no exterior. A parte impressa ficou a cargo de uma gráfica em Madrid.

Em 1996/1997 é lançada nas bancas brasileiras a coleção *Música Sacra*, por Ediciones Altaya,¹³ de Barcelona, composta de 75 fascículos e 75 CDs. Os fascículos foram impressos na Espanha e os CDs, aparentemente, também vieram do exterior.

Uma importante coleção de música clássica vendida em bancas de jornal foi a *Deutsche Grammophon Collection*, composta de 75 volumes e 76 CDs (o primeiro contém dois CDs), também de Ediciones Altaya. A Deutsche Grammophon é uma gravadora que sempre trabalhou exclusivamente com música clássica, e em 1998 comemorou seu centenário. Em 1999, a coleção era lançada, reunindo intérpretes de grande celebridade: entre os solistas, Yehudi Menuhin, Sviatoslav Richter, Itzhak Perlman e Plácido Domingo; como regentes, Karajan, Giulini, Barenboim, Bernstein, entre outros; entre as orquestras, a Filarmônica de Berlim, a de Viena e a Sinfônica de Chicago figuravam entre as incluídas. Na verdade, assim como em outros casos, eram gravações que já haviam sido lançadas no

¹¹ www.folio-sa.es/. Último acesso em 24/05/2007

¹² www.delprado.com. Último acesso em 28/05/07

¹³ www.altaya.es. Último acesso em 28/05/07

mercado, e estavam sendo reeditadas para um público mais amplo. O fascículo introdutório dá uma idéia do planejamento de *marketing* para que a coleção fosse bem vendida, quando diz:

Os fascículos poderão ser encadernados em três volumes de 300 páginas cada um: o volume I apresenta o período da Antiguidade até o final do classicismo; o volume II engloba o período romântico e o volume III, a música contemporânea [aqui entendida como música do século XX]. A coleção, de publicação semanal, inicia-se com os fascículos correspondentes ao segundo volume, que serão seguidos pelos do terceiro e primeiro, respectivamente.¹⁴

Dessa forma, a coleção começava com os compositores do período romântico, mais apreciados pelo público. (Vale lembrar que a primeira coleção da Abril, de 1968, iniciava com o *Concerto nº 1 para piano e orquestra* de Tchaikovsky, uma das obras eruditas mais divulgadas em todo o mundo – o gosto do público não mudou muito mesmo depois de três décadas...) Mais uma vez, os fascículos foram impressos na Espanha, e no seu texto percebe-se que foram traduzidos em Portugal, pois adotou-se a grafia desse país. Já a fabricação dos CDs ficou a cargo da empresa brasileira Videolar, no Pólo Industrial de Manaus.

Grandes Compositores é uma coleção lançada em 2005 por outra editora de Barcelona - Editorial Sol90 - que foi distribuída juntamente com jornais em vários países. A que apareceu nas bancas brasileiras é a edição portuguesa, vinculada ao jornal *Expresso*, de Lisboa, cuja marca aparece na capa. A mesma editora também lançou uma coleção de óperas, que foi vendida em bancas neste país. Em ambos os casos, os fascículos na verdade são pequenos livros, com cerca de 50 páginas cada um, que sintetizam a vida e a obra de um compositor e trazem um comentário sobre a obra que consta do CD.

Também em 2005, e seguindo a mesma linha de *Grandes Compositores*, o jornal *Folha de S. Paulo* lança a coleção *Royal Philharmonic Orchestra*. Reafirmando a hegemonia espanhola nessa área, os originais vieram do *Mediasat Group*, com sede em Madri. Esse grupo é especializado em produzir coleções sob medida para seus clientes, como afirma no seu site em inglês:

¹⁴ **Deutsche Grammophon Collection.** Fascículo de apresentação, p. 5.

O repertório musical é selecionado de acordo com as necessidades individuais dos clientes. Preparamos discos com compilações musicais para todas as ocasiões e para cada público-alvo dos clientes, fazendo uso de nosso bem provido catálogo musical. É sua decisão qual tipo de música e quais intérpretes será incluído num disco promocional (tradução minha).¹⁵

A coleção da *Folha de S. Paulo* é formada de 36 pequenos livros, com cerca de 60 páginas cada um, acompanhados de um CD. Os livros foram impressos no Brasil pela multinacional RR Donnelley Moore, e os CDs, fabricados no Pólo Industrial de Manaus pela empresa alemã Sonopress. As informações para a divulgação são imprecisas, como quando dizem que cada CD trará “as principais obras”¹⁶ do compositor (num só CD? e suas obras não-sinfônicas?) O volume dedicado a Chopin, por exemplo, traz seus dois concertos para piano, e ignora toda a sua produção para piano solo, muito mais importante.

Nos últimos anos, a revista *Caras*, dedicada a falar da vida das celebridades, também tem lançado coleções de CDs (além de coleções em vídeo e objetos variados), a mais recente em parceria com a *Azul Music*, gravadora criada em 1993 e que inicialmente se destacou no segmento de músicas para meditação e relaxamento. Essa gravadora ultimamente vem incursionando em outros estilos musicais, como o *lounge* e a música eletrônica.¹⁷ A coleção distribuída pela *Caras* e produzida pela *Azul Music* é composta de “25 CDs, onde traços culturais e musicais de cada região foram retratados pelo cast de produtores e artistas da gravadora, e também por músicos e artistas convidados de todo o planeta”, como diz a contracapa de todos os CDs. *A música de Bali*, *A música da África*, *A música do Tibete* e *A música dos países árabes* são os títulos de alguns CDs. Na verdade, trata-se de simulacros da música desses países. De modo muito diferente da citada coleção *Povos e Países*, muitas das faixas são interpretadas por artistas nacionais que adotam nomes exóticos, e todas apresentam um produto bastante pasteurizado, freqüentemente com elementos de música *pop*, *lounge* e *new age*. . O CD com “a música de Bali”, por exemplo, apresenta faixas com títulos como *Bali Sunrise* (Crepúsculo de Bali) e *Bali Nights* (Noites de Bali), títulos que já sugerem um simulacro com um perfume de Hollywood. Parece destinar-se a um público que só aprecia entrar em contato com uma cultura diferente de

¹⁵ www.mediasatgroup.com. Último acesso em 28.05.07

¹⁶ musicaclassica.folha.com.br. Último acesso em 28.05.07

¹⁷ www.azulmusic.com.br Último acesso em 25.05.07

longe e sem nenhum envolvimento – passageiros de um navio de cruzeiro observando os nativos da amurada da embarcação.

4. Lobão e *outracoisa*: o Disco de Bolso, versão atual?

Com a sua costumeira rebeldia, discordando dos critérios artísticos das grandes gravadoras e desconfiando da lisura das suas contabilidades, já em 1999 o cantor e compositor Lobão resolveu lançar o seu CD *A vida é doce* em bancas de jornais (além de algumas *megastores* e *sites* de vendas). O resultado não decepcionou: foram vendidos cem mil exemplares dessa produção independente. Em 2002, ele foi um dos líderes do movimento que batalhou pela aprovação da lei que tornou obrigatória a numeração de CDs lançados no Brasil, bem como a adoção, para cada música, do ISRC (International Standard Recording Code), um código alfanumérico que funciona como identificador básico de gravações fonográficas digitais, contribuindo para a moralização da arrecadação de direitos autorais.

Em 2003, Lobão punha nas bancas, em parceria com a editora L&C, do Rio de Janeiro, o primeiro número da revista *outracoisa* (assim mesmo, em caixa baixa e com as duas palavras unidas), acompanhada de um CD inédito, com periodicidade bimestral e uma tiragem inicial de 20.000 exemplares. Ele dizia no editorial:

Uma revista? Um CD? Um projeto híbrido de cultura independente e guerrilha poética? Uma aposta em novas possibilidades de veiculação da expressão e de arte em geral? Sim. Tudo isso e muito mais paira por nossas cabeças, nossos corações e nossos sonhos. Nasce essa tal de *outracoisa* sob a égide do caos e processo, com o objetivo insuspeito de a gente se repensar, se reinventar, se reorganizar para se ter a liberdade de seduzir, apavorar, provocar, perceber, criar muitos problemas e, quem sabe, agenciar algumas soluções.¹⁸

A revista tem sobrevivido: quando da redação deste artigo (maio de 2007) ela continuava nas bancas, no seu número 20. Já lançou solistas e grupos de várias partes do país, como BNegão (Rio de Janeiro), Wander Wildner (Goiânia), Cachorro Grande (Porto

¹⁸ revistaoutracoisa.com.br. Último acesso em 23.05.07

Alegre) Mombojó (Recife) e Fauichecleres (Curitiba), além de um CD com Arnaldo Batista (ex-Mutantes) e outro com o próprio Lobão. Na sua busca por uma independência das gravadoras e das emissoras de rádio e TV, e pela distribuição em bancas de jornais, não deixa de ter certa semelhança, no que se refere à produção e distribuição, com o Disco de Bolso dos anos setenta. Mas *outracoisa* se situa em registro diferente em matéria de estilos musicais: o seu universo é o do *pop* e do *rock*.

Considerações Finais

Este pequeno estudo das coleções de fonogramas vendidos em bancas de jornais está longe de pretender esgotar o assunto. Uma ou outra coleção pode ter sido deixada de lado e certamente haverá outras maneiras de abordar o tema. Mas a sua importância parece ter sido demonstrada: trata-se de milhões de exemplares discográficos, de variados gêneros que, em quase quarenta anos, têm sido distribuídos até em regiões do país onde a banca de jornais é o único ponto onde se pode (ou se podia) encontrar música gravada. Deve-se registrar o pioneirismo da Editora Abril, primeiro lançando versões brasileiras de originais italianos e depois produzindo o que, para o autor deste texto, é a mais importante coleção já vendida em bancas: *História da Música Popular Brasileira*, não somente por se tratar de música brasileira, mas pelo extenso trabalho de pesquisa, elaboração de textos e recuperação de fonogramas, quando não de gravações feitas especialmente para a série (Por essa razão ela mereceu um espaço maior neste trabalho). Registre-se também a possibilidade que a banca de jornais tem oferecido para a distribuição de gravações independentes, de Sérgio Ricardo a Lobão.

Nestes tempos de distribuição de música pela *web*, quando se afirma que as próprias lojas de discos não sobreviverão, pode-se imaginar que discos em bancas de jornais (e as próprias bancas) daqui a algum tempo sejam coisa do passado. Mas nestas últimas décadas, a sua importância tem sido enorme.

Referências bibliográficas

Fascículos e revistas

DEUTSCHE GRAMMOPHON COLLECTION. Barcelona: Ediciones Altaya, 1999.

DISCO DE BOLSO: O tom de Antônio Carlos Jobim e o tal de João Bosco. Nº 1, Rio de Janeiro: L&C Editora, 1972.

GIGANTES DO JAZZ. São Paulo: Abril Cultural, 1980/1981.

GRANDES COMPOSITORES. Barcelona: Editorial Sol90, 2005.

GRANDES COMPOSITORES DA MÚSICA UNIVERSAL. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

AS GRANDES ÓPERAS. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. São Paulo: Abril Cultural, 1970/1971.

HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: GRANDES COMPOSITORES (nova versão). São Paulo: Abril Cultural, 1982/1984.

JAZZ. Madri: Ediciones del Prado, 1996.

THE JAZZ MASTERS: Os reis do Swing. Barcelona: Ediciones Folio S.A., 1996.

MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MÚSICA PELOS MESTRES. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MÚSICA SACRA. Barcelona: Ediciones Altaya, 1996/1997.

A MÚSICA DO MUNDO. São Paulo: Editora Caras, 2004.

outracoisa. Rio de Janeiro: L&C, 2007

POVOS E PAÍSES. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

ROYAL PHILHARMONIC ORCHESTRA. Madrid: Mediasat Group, 2005.

Livro

RICARDO, Sérgio. **Quem quebrou meu violão**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Sites

www.altaya.es

www.azulmusic.com.br

www.abril.com.br/institucional/50anos/fasciculos.html

www.delprado.com.

www.folio-sa.es

www.mediasatgroup.com

www.musicaclassica.folha.com.br

www.revistaoutracoisa.com.br.